

ECOMETRIA DO SILÊNCIO

Alberto Pucheu
1999

Ecometria do Silêncio.....	05
Poemas para Carregar no Bolso.....	10
Poema para carregar no bolso.....	11
Poema ungulado, nº2.....	12
A mil e seiscentos metros.....	13
Carta para um relicário de Aleijadinho.....	14
Último poema de Tonio Kröger.....	15
Pequeno conto americano com sotaque brasileiro..	16
Nascido na segunda metade dos anos 60.....	17
O mundo, a nanquim.....	18
Arranjo para a primeira voz no fundo da gruta.....	19
Breve história trágico-marítima.....	21
Homenagem a Jorge de Lima.....	22
Naufrágio na Sala Cecília Meireles.....	23
Amor fati.....	24
Lamento para solo de cordas.....	25
A fronteira desguarnecida, nº2.....	26
Codicilo.....	27
À míngua.....	28
Sebastianópolis.....	29
Admirário.....	31
Três poemas inesperados.....	36
P.S. para um poema inacabado.....	37
R.S.V.P.....	39
Poema para a maior audiência do país.....	41

ECOMETRIA DO SILÊNCIO

"Ser poeta não é uma ambição minha
É a minha maneira de estar sozinho."

Alberto Caeiro

ECOMETRIA DO SILÊNCIO

Não fui ao túmulo do poeta morto, cravar a testa no cimento duro. Não fui à casa do poeta morto, vestir seus óculos, sentar à mesa de trabalho ou de jantar, ler os livros envelhecidos na estante ou manuscritos em caixas, arcas e malas. Não caminhei pela rua do poeta morto, recitando seus versos de cor, trazendo escombros junto a mim. O que pôde tocar, não toquei. Nunca quis sua caneta em meu bolso, transpirando seu suor em minhas páginas escassas. Não ansiei por cartas de elogio, indicação a editores, artigo em jornal. Deixei as poucas lembranças, como as fotografias em comum, para o esquecimento. Quase não me lembro do poeta morto. O que um dia esperei dele, descubro que, de há muito, trago no corpo: a força de um silêncio recolhido.

Estou só. Como a madeira silenciosa deste armário, como o fruto mais maduro que não tomba, mas, à beira de tombar, está no instante. Estou só. Com as letras da distância, com os nervos da lacuna. A calada enfiada pelos pés, os pés estacionados com o peso da calada. Cada um se deita na cama que merece. O destino não muda, e o futuro me atormenta. Estou só. Ninguém me peça o que eu não posso dar: hospedagem, dinheiro, estas pequenas coisas que até tenho. Que se lancem com uma pedra ao mar, amarrada na cintura, ou por debaixo dos pneus de um carro, ou em frente de bala calibrada. Mas ninguém me peça o que eu não posso dar. Dou ao mundo somente o que nem tenho, um naco de frases carcomidas. Estou só.

Aqui, neste quarto, sou o preço que o que larguei para trás e o que nunca logrei me querem cobrar. Passo a vida imerecidamente. Viver é para aqueles que, apesar de tudo, permanecem tranqüilos. Nunca tive filhos. Não pela miséria humana, pois, este legado, como qualquer pessoa do tempo em que vivo, não me importa transmitir. Mas por querer evitar que o inoportuno atravessasse minhas horas, propagando demandas, adiando a disponibilidade necessária para o amanhã que jamais virá. Me basta o incômodo involuntário e excessivo. Não peço desculpas a ninguém, nem aos delicados, tenho mais o que fazer. Sei que estou só e quero cumprir a solidão nos afazeres cotidianos e na inquietude merecida por ter vindo ao mundo. As perguntas que, por tanto tempo, se fizeram em mim, extinguiram-se. Estou sentado com os sentidos no corpo do pensamento, suspenso, há uns três pés acima do solo que piso. Conquisto, a cada dia, uma espécie de permanência, de confiança, na perplexidade que o mundo oferece. E há dor.

Não tenho motivos para acreditar em mim, em qualquer qualidade que possa ter. Os acertos e erros foram todos pequenos, como os de qualquer um na vida. Até hoje, não me orgulho de nenhuma relevância. Desfruto, mesmo, de certo prazer por não ter contribuído com o que quer que fosse. E acarício, com a palma de minha vaidade, o descrédito que me dou, flagrando no sucesso alheio a inautenticidade a que muitos se permitem. Quantas cabeças fraudadas se sujeitando a aplausos... quanto regozijo com a falsa impressão de inteligência que querem causar... quanto

investimento para forjar a mesquinha do prestígio. Percebo, pelo caminho que passo, latidos e miados de animais que teriam outros hábitos, bípedes emplumados piando na tentativa de ser gente, clones do fracasso inveterado de si mesmos. Todos, náufragos de mãos dadas, clamando pelo sinal salvador de uma bóia flutuante... ainda. Sigo melhor sem companhia, cozinhando o brando e o rude nos braços da caligem que me esconde, guiado pelo futuro que não se sabe.

Desprezo a frieza da perfeição, pela ausência do risco, superado, pela necessidade do acerto e da completude blindada. Abandonaria esta fala em qualquer lugar, por desleixo ou cansaço, pouco importa. O fato de ter sido acionada sem o menor estampido, sem o menor alarde, sem alguém que a escute, sem alguém que a aprove, sem alguém que a reprove, sem alguém que mova o mínimo músculo, surrado, prova ser minha, esta fala. Estou só. E só encontro o movimento do que me cala: o amarelo do peixe no aquário do shopping, a musculatura operária, o cérebro no impacto do soco, a punção do trocarte e o momento seguinte ao acidente consumado. Encontro... Encontro a noite de óculos perdidos no fundo de um lago. Encontro só o que me cala.

Deixei os livros na calçada - que o caminhão de lixo ou um vizinho desavisado, desconhecido, os pegue; *bons* ou *ruins*, *ótimos* ou *péssimos*, nunca foram nada para mim. Guardei três ou quatro por não possuírem esteios em que pudesse me agarrar. Se na vida não os tenho, não os terei nos livros. Pelo menos,

não sou um tolo completo. Se sou cego, é apenas de uma vista. Se surdo, aprendi a escutar com o pouco do olfato que sobrou. Se sou mudo, a fraqueza de algumas palavras, à minha revelia, murmura, ou assopra a tentativa de seu hálito afônico como no instante mortal de um hospitalizado. Penso quando me espanto com o transbordamento da ausência. Falo para ninguém. Falo por falar. Já não me afaga ter algo a dizer... Falo pela necessidade implausível de silenciar as palavras com as próprias palavras. Tomo posição: meço, com o eco do silêncio pronunciado, a distância que separa de mim o arredor que blasona. Quanta turbulência na milhagem intransponível entre ouvidos alheios e minha boca, entre a boca alheia e meus ouvidos, quanta incompatibilidade.

Nunca me reconheci em nenhuma frase, estive sempre perdido, e, hoje, só tenho essa perdição sem qualquer esperança. Vivo a instabilidade das propensões, submetido aos ditames do provisório. Estar fora de tudo o que dizem, não ser alvo meritório de ninguém, é minha maneira de estar dentro. Não tenho escolha. Prefiro assim. Estou só.

POEMAS PARA CARREGAR NO BOLSO

POEMA PARA CARREGAR NO BOLSO

Entreguei o corpo aos abalos da cidade.
Mastigo seus vergalhões, o sabor perdido
do torrão ancestral. Independe de mim
a oscilação da Bolsa, a noite de carros,
as palavras derivadas em poemas, o exagero
luminoso por todos os bairros, o abalroamento
na esquina e na estrada. Estou à margem
do resultado de todas as coisas. Violino
desacompanhado, não tenho para a vida
uma pauta de Bach. Inventar-me-ei
nessas linhas. Ou não cumprirei arrojios
necessários. Sigo, com o nome de meu avô antes de seu
avô nascer, com a mesma sensação ubíqua do momento
em que fui concebido, com pensamentos de quelônio
submerso em mares distantes... Os pés descalços, a sola
engrossada por caminhos andarilhos, o dorso aderindo ao
jeito do asfalto e das calçadas, o corpo manuseado pela
rebelião sísmica e descontínua da cidade.

POEMA UNGULADO, Nº 2

a Caio Meira

Nenhuma gordura empanturra o corpo
do rinoceronte, varando suas cercas.
Nenhum couro escorrega em torno
da carne. Nenhuma dúvida quanto
a seu peso, quanto à coragem
ou a sua tranqüilidade. A armadura
talhada nos músculos, os chifres,
o rabo espanando qualquer súplica.
Olhos para ver. Boca para comer.
Patas para pisar. Orelhas para ouvir.
O corpo... na medida exata do corpo.
E o meu, tão distante, perdido pela multidão, pelos cantos
das palavras alojadas, angaria faltas e excessos por onde
anda: um guindaste se apropria de meu sexo, o
combustível escasso para mais alguns quilômetros, o
chifre crescendo pelo nariz. Quando o queixo começa a
se empinar, guincho o que nunca escutei: a voz anginosa
do rinoceronte.

A 1600 METROS

A paisagem deposita uma árvore no silêncio
de meu corpo, entre a pleura e o baço,
um gavião voa pelo intestino que se alarga
à sua passagem, uma cabra ruma meu coração
vibrante como capim ao vento, nuvens
se apropriam de meu cérebro, vagam
em minha cabeça, intrometem-se pelo tórax,
pela pélvis, pelos pés, pelo ar, um peixe
escorrega com a gástrula, aproveitando espaços. Que
alívio me abrir! No limite intransponível em que me
encontro, não há mais para onde ir. Não há caminho para
voltar. Descanso, enfim, no exílio inexistente da caverna.

**CARTA PARA UM RELICÁRIO DE
ALEIJADINHO, NA BASÍLICA DO SENHOR BOM
JESUS DE MATOSINHOS**

a Marco Lucchesi

Não importa o que, compenetradamente,
em teu corpo guardas. Os ossos, o pano,
por mais que tenham sido de santo, encontro-os
à minha volta, no lápis em cima da mesa,
nos cascalhos de um oráculo antigo guardado na gaveta,
na fotografia de um parente que a gruta
fechada do tempo não me deixou encontrar.
Lápis, foto, cascalhos - apontado, rasgada,
esfacelados - tomarão a forma do que a barriga
de teu corpo abriga. Nobre fachada
de um cortiço imundo, o teu umbigo, umbigo
do mundo. Não importa que a mão que desbastou a
madeira até te encontrar tenha sido leprosa: nas pedras
expostas, nos poros da mão do profeta, de pedra, os dedos
também carcomidos. A tua imagem, à minha frente... não
importam os ossos que guardas, nem a ausência dos da
mão que te encontrou. Importa, isso importa, teus ossos
de pé sem descanso, tua carne, vívida, tua face vincada de
amor e de dor, teus olhos compreensivos falando-me o
que, de tua boca, permanecerá para sempre e desde
quando calado.

ÚLTIMO POEMA DE TONIO KRÖGER
(escrito no quarto do hotel em Aalsgard,
recém-chegado do baile onde reviu Hans e Inge)

Selvagens amigos de minha infância,
aqui estamos outra vez unidos...
Seus olhos azuis, ondas de amores jamais esquecidos,
arremessaram-me outrora contra as pedras. Sorte
que os rochedos ficaram na distância, onde se encontra,
inda hoje, o convívio. Do qual me alheio, ou quase isto.
Já não há cais no horizonte do olhar. Nem ao menos
podem me responder para onde vou,
pois acostar-se de mim também não podem. No repuxo
da memória, a maresia deposita em meu olhar
o cheiro de madeiras, o ranço da serragem,
o perfume dos cabelos dançando, provocante,
à espera do que poderia ter sido e não foi,
nem será. - Sol que desnorteia minha vida, braçada de
cereais erguida no espaço como fios de ouro sustentados
pelo vento, iluminai estas pálpebras pesadas de nuvens,
fazei-me aceitar a maldição de pensar o que ninguém
pensa, de sentir o que não se sente, deixai a vela do ócio
conduzir este barco para o mistério que estala em cada
peito extraviado!

PEQUENO CONTO AMERICANO COM SOTAQUE BRASILEIRO

a A. Cicero e Marcelo P.

Havia sim um gosto na viagem por tudo o que vivia: australianos atravessando há anos fronteiras ininterruptas, homens largados com os quais dormira em estações de trem ou em subúrbios desconhecidos. Lembro-me das noites passadas na igreja de Veneza, acalentadas pelo veludo tinto do vinho, com pombos sujando minha mochila... e de conversas cotidianas em línguas, mais do que estrangeiras, inexistentes. Nestas horas, como sempre, quanto menos se entende mais se aprende. Lembro-me também do haxixe fumado num hotel em Barcelona (numa espelunca barata de Barcelona), antes da caminhada ladeira acima aos quadros de Miró. Estava com minha mulher, aquela mesma garota de preto de anos atrás, escorada na porta à minha espera, na leitura de John Cage em St. Marc's Church; depois da fala simples do poeta passamos a noite no apartamento dela, num sótão em frente ao Central Park. Por vizinhos, um casal de irmãos dnamarqueses trepando na madrugada silenciosa e fria. Tudo vivido com intimidade raras vezes conseguida.

NASCIDO NA SEGUNDA METADE DOS ANOS 60

Na melhor das hipóteses, ser salvo por uma certa corrosão no fígado. Um gosto de ferrugem na boca - conseguir saboreá-lo. Um travo de trabalho entalado na garganta - conseguir engoli-lo, depois defecá-lo. Não me importar com a vazante do dinheiro pelo nervo cidadão, é o que dizem. Nem com o destino de antigos amigos: um em Santa Catarina numa clínica para drogados; outro cria canários em seu quarto na casa dos pais; um terceiro pede dinheiro emprestado: a mulher que tirou do puteiro para se casar com ela tem de fazer um aborto do que seria o quarto filho; aquele morreu afogado em dia de ressaca, horas depois de demitido e meses após a vasectomia. Escrevo o poema de uma nova geração, dizendo que, se possível, faria como querem. Iria mais longe: participaria dos escândalos políticos, da violência econômica, esqueceria o preço do aluguel e do condomínio, a inadaptação social... Mas intimidade só consigo quando me esqueço de mim pela cidade; quando subo ao cume e a visto - paisagem; quando abraço as noites de lençóis e álcool com a mulher amada; quando encontro, ao mijar nas pedras da baía, a concha imensa e ensolarada de um molusco há muito desaparecido.

O MUNDO, A NANQUIM

a Armando Freitas Filho

Os traços já vão se apagando, mais de quinhentos anos passados. Quando a tinta ainda era fresca, os traços já iam se apagando. Os galhos retorcidos estão aqui, os mesmos galhos com o frescor de sempre atiçando os troncos no ar. Posso vê-los recortando o espaço, prolongando a rocha, desenhando trilhas. Subir pelo caminho deserto provocaria em mim ora uma sensação de descanso, ora um cansaço da solidão excessiva. Um pouco abaixo do centro, à direita, uma moita de bambus curvados pelo tempo. Deve haver alguém por perto para aprender a lição. O solo branco, de neve. Não: não faz o frio que ela causaria. Talvez, sejam apenas os traços se apagando, o papel branco aparecendo com o gesto do pincel. No bosque de bambu, algumas manchas se assemelham, quem sabe, a uma casa camuflada com arbustos e relevos do solo. Por toda montanha, pelas rochas e pelos bambus, pelos troncos e pelos galhos, pela espessura da tinta no alto da página e pelo capim delgado na planície, pelas águas e pelos barcos pesqueiros, mesmo pela casa escondida por toda a paisagem e pelos ideogramas que por nada decifro, só não encontro aquilo para que o título, com humor, aponta: um homem lendo, numa cabana do ermo bosque de bambu.

ARRANJOS PARA A PRIMEIRA VOZ NO FUNDO DA GRUTA

I

Há um comer isolado das bocas, um digerir alheio a estômagos, uma força de sumiços e aparições separada de qualquer musculatura; mastigam, expelem, assimilam...
No cabresto, a morte danada da besta
me segue, domada. Até quando?
Ninguém sabe
(é sem aviso o corcovo da selvagem).

II

Os mamutes, como nós, se consomem
trazendo fixas na voz suas peles
calcárias como a gruta que os exige.

III

(tradução de rabiscos rupestres de + ou - 55000 a.C.,
até agora indecifrados)

[deixar os] cadáveres ao relento
[para serem] corroídos com maior rapidez

IV

(tradução do primeiro epitáfio de que se tem notícia)

aqui jaz ninguém

V

(variante possível da tradução do mesmo epitáfio anterior)

nesse pedaço
de terra
deitado
para todo
o sempre
o imenso
esquecimento
sem alguém
nem um resto
de alguém
para sentir

BREVE HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

a Fernando Ferreira de Loanda

I

Nem para todos destino de sedas,
ouros, nobres madeiras, lucros.
O do náufrago, pior que o dos outros:
de água intragável, pregos, fome (a
pimenta do perigo ardendo
em seus olhos). O sol o aflige sem sono.
O lombo cansado esturrica no azul.
Com o tombo do mastro por dentro
da nau, zumbindo em sua envergadura,
com o fazer água ou água abrir sem que nunca se saiba
por onde, o destino do náufrago é afogar-se no mar... e,
na terra, os sinos do além estalando mais lentos, as
cortinas de urubus se abrindo ao último olhar.

II

HOMENAGEM A JORGE DE LIMA

Ainda que com as cargas
mal dispostas por porões
mais sombrios impossíveis,
tempestades impiedosas,
cobiça de navegantes
como de contratadores,
imperícia de piloto,
furo de prego deixado
aberto e oculto por breu, madeira de árvore podre...
muitas naus não naufragaram nem voltaram a Lisboa:
perderam-se e, então perdidas, vagaram na imensidão
incontrolável do mar.

III

NAUFRÁGIO NA SALA CECÍLIA MEIRELES

... mar com corpo, sala com mar, som
com sala, corpo com som. Sal, Sal,
e Sal. Boca de coral vermelho
numa língua de escamas cromáticas,
escalas de sargaço, notas desbotadas.
Naufrágio de cadeiras no resto
de ferros afundados. Ondas me arrastam
desta sala. Das correntezas do som,
a respiração deriva para a amplidão.
A dentada do pâncreas no rosto
de um tubarão. Onde as bocas
com a água dos corpos soletrada? Onde
as que querem com a naufraga se unir?
Nada escuto, neste mar agora amplo,
senão as ondas. Nas ondas do som, o silêncio de ondas.
Só onde soa o silêncio de ondas anda o som, o som do
silêncio. Entre silêncio e som, entre som e silêncio, a
onda. Entre o sol do silêncio e o som do sol, entre o sono
sonogado pelo sino do som, acorda o silêncio do sino
solerte do sol. O solêncio. O sinêncio. (Jamais escutamos
o silêncio sem o dizer. Jamais escutamos o silêncio sem o
dizer.)

AMOR FATI

Três horas. Madrugada chuvosa. Agosto de 1997. Bianca dorme sonhando com uma coroa de ouro com olhos incrustados por toda a circunferência a girar em velocidade infinita perdida pelo cosmos. Passeará por todas as galáxias antes do amanhecer, e acordará sorrindo e cantando para mais um dia. Passos perambulam pelo andar de cima. O vizinho insone prepara a dicção apropriada para a frase imprevista ou a resposta pedida pelo jornal que a publicará adulterada na semana seguinte. No apartamento do segundo andar do número 156 da silenciosa rua David Campista, bairro Humaitá, cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, sem nenhum motivo aparente, sem aviso prévio, sem qualquer vínculo com o que vinha acontecendo até então, vem-me o tranco exigente de musculaturas para suportá-lo: tudo é ridículo. Ridículo olhar nesta direção, mudo o foco, descobrindo serem este e todos ridículos; ridículo aqui neste momento, troco de lugar várias vezes e, sempre, o ridículo; tão ridículo o que me passa pela cabeça, que deixo mais resíduos chegarem e partirem, mas todos ridículos; ridículo até pensar que tudo é ridículo. No meio do desconforto de todas as possibilidades, a gargalhada eclode pelo rim, pelos hilos, pelos ligamentos, pelos pêlos, sentindo-me livre doravante para o que quer que esteja acontecendo.

LAMENTO PARA SOLO DE CORDAS

A noite é dos que sonham, mas a madrugada
abriga apenas os insones. De qualquer canto da casa
repleta de ausências, escuto o sono latejando na cama.
Uma palavra desequilibrará a frequência do bairro
inteiro;
talvez uma frase consiga mantê-la... talvez algumas.
Não há porque sair, com o cheiro da cafeteira
esbarrando por todas as paredes, concentrando-se sempre
no lugar em que estou. Era ela quem preparava o café,
voluntariamente, quando o sol refletia pela primeira vez
no prédio da frente, irradiando para dentro aqui de casa.
Gostava de me ver escrevendo assim tão cedo. Hoje, não
sentirá o amargo do líquido escuro provocando suas
papilas. Antes de ir para o hospital, de onde jamais sairia,
disse que olhava pela janela de sua casa uma última vez.
Comoveu-me escutar que esta casa também era sua.
Comoveu-me, ainda mais, lembrar que sempre estive à
vontade em qualquer lugar por que passou.

A FRONTEIRA DESGUARNECIDA, Nº 2

Aflige-me o contraste entre a velocidade do carro e a do corpo meditativo caminhando à beira da baía. Falésias maquinam o estômago com encontros. No entre mar e terra, rastros de peixes em freadas e arranques, esclerose de borracha desprezada no asfalto oleoso das águas. O dióxido de carbono, fervendo areias nos canos de mariscos, mais parece um homem com ossos de britadeiras escavando em busca da rematerialização dos corpos. O caminho sem refugio da amplitude esquece qualquer vestígio, atirando-se para o templo impreciso das perdições. Com sal, constróem-se avenidas sustentadas por colunas de água, por onde trafega a criação, à deriva. Eu, que já fui bicho, turbina, folha de bananeira, encontro-me em tudo que, da neutralidade formigante, pulula e quer pulular para a metade palpável da cidade.

CODICILO

Emito gritos de socorro, acaricio cabeças pendidas, festejo a entrada da primavera e pereço na calçada mais próxima.

A balbúrdia nos ouvidos da cidade,
a paisagem nas pernas dos caminhos,
o acontecimento que, à minha revelia, me incrementa,
rearranjam os meandros de meu corpo. Despenco, a cada dia, de mim mesmo, renasço do outro lado das alturas: muito mais oceano do que braços, mais trânsito do que pele, mais ruídos do que cérebro. Não tenho por lugar turísticos bevederes, mas o emaranhado das ruas populosas e recantos por onde encontro o esquecimento.

Sinto o cheiro espesso da gasolina escorregando por entre as veias, sinto seu gosto no copo do qual beberei, sinto o ritmo derrapante das inquietudes.

Como a leitora cobrindo com esparadrapo frases de um livro,
como um homem amontoado no meio da multidão,
sigo, *arrastado pela força que leva as aves a emigrarem*¹.
E não desiste, a sede: como o mar, imorredoura.

P.S. - Alguém que não foi nada na vida me disse que tudo valeu a pena.

¹ Verso de Fernando Ferreira de Loanda, em Kuala Lumpur.

À MÍNGUA

Caminho há quinze horas pela cidade do Rio de Janeiro e não sinto vontade de parar, apesar da fome solapando as pernas e o pensamento.

Sou despejado de mim feito inquilino com contrato expirado, sem dinheiro para renová-lo. Meu desespero é pelo agora.

Não, não voltarei para o trabalho. Não serei como os outros. Não serei como sou, eu que sou como qualquer um e como todos os outros. Continuarei a caminhar por quantas horas forem necessárias até expirar o derradeiro resquício de incômodo, até secar a última gota do medo,

até que o grito não venha do desajuste, mas do inumano explícito em cada paisagem.

Vou por onde não preciso de portas.

Quinze horas caminharei, e depois mais quinze, e, ainda, depois... Esquecido de mim e de todos os outros.

SEBASTIANÓPOLIS

Há um tanque de ferrugem afundado no esquecimento
azul das marés,
um avião riscando uma linha de espuma no mar tranqüilo
do céu,
uma baleia encalhando seu prédio em fumaça nas praias
de ontem do centro da cidade,
o braço póstumo e amputado de S. Sebastião andando
cinza em nossa língua,
enfiando sua mão sem peso no bolso veloz e moreno das
manhãs,
bebendo um trago elétrico nos bares assaltados por
delírios,
precipitando carros do desespero para curvas com oitis
traíçoeiros,
talhando, com machado, cutelo, foice, um corpo de
madeira e carne, de galhos aflorando no lugar do
pensamento, de joelhos pendurados no tronco, expostos
para a fome passageira,
desgrenhando a cidade,
plasmando ruas, distribuindo águas,
unindo e separando homens para guerrearem entre si por
espaços, comida, dinheiro, praias, carros, por qualquer
supérfluo que lhes agradar,
há paredes da perturbação, astrolábio, bucatas, crisipo,
fomes de marisco,
um corpo estendido sobre o tapume,
morto,
a frase incomparável de um acusado na boca dos jornais,
há satélites que, parados, subitamente se deslocam
velozes, sem barulho, cruzando o céu de ponta a ponta
como aquele corpo desabando perdido pelo espaço e

resgatado por entre os astros, planando nas garras metálicas de uma nave cravada na história e nos devaneios de qualquer solidão,
há buzinas expressando outras inquietudes das que conseguem as palavras,
há o capim cobrindo as sílabas dos paralelepípedos,
desvios, atalhos, parapeitos,
casais de namorados combinando todas possibilidades sexuais,
travestis, telefones, tomates, tíquetes, tamborins, tacos de sinuca espalhados pelos bairros,
há próteses involuntárias acoplando uma cabeça eqüina ao gabinete de um computador, uma esquadria de alumínio a chumaços de algodão, um caderno emperrado à grade patinada de um berço,
há a suspensão da gravidade,
um cheiro de explosão e maresia por onde quer que passo,
um gosto de asfalto quente no suor de feira livre a cada dia da semana exalado pelas guelras pálidas dos peixes,
há reticências por todos os lados

ADMIRÁRIO

Há o tempo do coração, há o tempo do cérebro. Mais uma vez, *a anatomia em mim ficou louca*. Quem pensa em mim é o tarso, autonomamente.

*

As placas de bronze não concitam estes escritos. Os arranjos os trouxeram. Quem sabe os levarão a acariciar o corpo alheio, encontrando novos, móveis destinos.

*

Apesar de solitária, aberta a múltiplas freqüentações; apesar de aberta a múltiplas freqüentações, solitária - a voz que me atravessa.

*

É sempre um outro que escreve por mim, inumano, ao qual me afinco. Pouco importam os leitores e eu mesmo – entregue ao desatino dos arranjos. Apenas por uma ambição cosmogônica as palavras necessitam de nós.

*

Impressionante força a da mandíbula com que o livro, de estalo, abocanha o escritor e quem o lê.

*

Nenhuma intimidade que não seja com o estranhamento. Sereno abrigo da própria impotência.

*

Uma tensão rítmica entre o andamento da linguagem falada, o do que ela poderia dizer, o do que ela jamais poderia dizer, e o da escrita.

*

O movimento de uma letra após a outra, o deslizamento das reticências, a tensão dos intervalos que separam e conjugam, flagrados no momento da efetuação.

*

Dogen Zenji, iluminando-se, disse: *O corpo e a mente desapareceram, deixe o corpo e a mente desaparecer.* Começar a escrever com o que sobrar deste corpo e desta mente desaparecidos.

*

Ao *to be or not to be* shakespeariano, o *to be and not to be* de Parmênides.

*

Não há matemático vangloriando-se de saber contar nos dedos ou de cabeça; sobretudo, em época de computador. Será poeta, quem compuser um tratado de medicina em versos? Já perguntava - e respondia - Aristóteles.

*

Ao gravar o rinoceronte, Dürer criou uma nova carne, um novo animal. Que nos fez reaprender, mais uma vez, desde o começo.

*

Como em Pascal, aqui: as disposições e os arranjos.

*

Tudo já foi dito. Tudo, ainda, a dizer. Arde o segredo do indizível. E esta esperança irrevocável.

*

Ao que jamais se basta, sempre é necessário o desdobramento.

*

... admirários...

*

Pílulas do espanto, cápsulas da admiração, granadas do entusiasmo.

*

Como a rebelião das letras altera a paisagem do rosto de um homem!

*

]mais vale o livro do que o poema[

*

Havia elogiado um escritor, em uma mesa de bar. Alguém me disse: *Mas ele não é poeta, é prosador. De um destes gêneros inclassificáveis.* Ao que retruquei: *Acho esse papo de gêneros uma grande balela. Além do mais, se inclassificável, é poesia.*

*

TRÊS POEMAS INESPERADOS

P.S. PARA UM POEMA INACABADO

em uma nota de pé de página do primeiro volume da *história do brasil* à página 290 pedro calmon diz que o pontífice no século xvi enviara a el-rei o braço de s. sebastião recebido em portugal com majestoso triunfo já usei o respectivo ultraje fundador mítico de nossa cidade em um poema sem mencionar todos os dados como as pessoas talvez duvidem da história dou a referência não fui ainda à biblioteca nacional ver o livro de d. francisco manuel de melo em que aparece o fato mencionado pela primeira e pelo que eu saiba única vez excluindo o próprio pedro calmon que o citou mas vocês menos preguiçosos a hora que quiserem e é claro que a repartição pública estiver aberta podem ir lá conferir antes de ontem ganhei um livro do meu cunhado que o comprou num sebo entendendo a obsessão que tenho pela cidade e pelo santo pude ler em *o meu flos sanctorum* de josé severiano de rezende *verdade é que não se festeja mais como outr'ora se festejava o predilecto martyr padroeiro de sebastianópolis e a casaria difusa desse ruidoso emporio já não se enfestona* tentei fazer um poema que começava assim a língua mesmo muda há de falar os olhos mesmo cegos hão de enxergar as pernas mesmo frágeis hão de dançar são concordantes os arranjos das palavras e os de sua época depois vinha toda uma parte dramática que é melhor ficar de fora mas uma frase de efeito lá pelo meio resolvi guardar mesmo sem saber se um dia conseguiria aproveitá-la falava dos atletas de luta livre que nunca venceram um combate e que tremem ao pisarem no ringue sem ao menos o consolo da possível toalha lançada a qualquer instante

tinha também um final triste melancólico eu
devo ter acordado meio mal aquele dia quem sabe um
sonho quem sabe com fome naquele final eu
duvidava ser possível uma intimidade com a cidade
tantos amigos se mataram ou tentaram se matar ou
mataram outros recentemente mas dizia que meu
corpo inscrito na cidade lutaria até o último soar do
gongo por uma intimidade não sei mais se possível
apesar do desejo grampeado na carne como isso soa
poético agora demasiadamente poético agora que
estou apenas no movimento mais cotidiano das palavras
acolhedoras do sempre rejeitado supérfluo e que
não faço a menor questão de ser o poeta oficial da
geração nem do município nem do estado nem
muito menos do país os compromissos são um pé no
saco não suporto politicagens acabou-se o tempo das
centralizações e como disse juan luis panero *allí
en el escenario no está la poesía no lo estará nunca*

R.S.V.P.

alguém se levanta da sombra girando o volume das ruas o volante das camisetas em movimento como se fosse um hipopótamo cruzando o hemisfério ou a líquida presença no colorido dos sinais a pensar se colocaria o traje de rigor exigido pelo convite sempre mais interessante escutar um homem que cometeu atrocidades contra a vida humana sem disto se ressentir a uma ou outra de suas vítimas que porventura sobreviveram e permaneceram infantilizadas para sempre pela dor que passaram a sofrer como se a tranquilidade sendo possível a alguém marcado por uma obsessão mortífera dissimulada apenas para quem não faz parte do ofício especialmente para sua família que nunca soube de nada e que hoje apesar de todas as certezas ainda sonha com a ignorância de outrora coubesse também a qualquer um levado por uma vida mediana quem irá a esta reunião de amanhã meu deus alguém *convida para a Sessão Solene de homenagem à etc etc etc que terá por orador oficial o Ilmo. Sr.* a credibilidade não tem a escuta de mais ninguém imaginem só uma reunião com a presença de expoentes do mundo inteiro certamente não é para mim nem para você dentro deste quarto um gorila come pétalas de rosa perscrutando quem está à sua frente isto sim me diz respeito no momento *o amante da rosa vermelha* se fosse título de filme americano teria sido estrelado por Humphrey Bogart mas se trata apenas de um grisalho mudo e sedutor escorado em minha mesa de trabalho a realidade do cartão-postal me encara transformando-se em assunto para uma frase qualquer que poderia não ter existido

qualquer coisa em qualquer lugar a começar por nós
mesmos poderia não ter existido uma mala seca de mar
vermelho rasgada de etiópia poderia não ter existido
uns papéis adulterados cheirando a areia e mofo e
amanhãs poderiam não ter existido o eco do pulso de
um tiro esquerdo atravessando os séculos poderia não ter
existido seu vilarejo fronteiriço de todos os outros e de
todas as metrópoles poderia não ter existido nem ser
relembrado dia após dia ao menos uma vez em cada parte
do planeta a garrafa de um vinho barato tomada até a
última gota por um parente em lugar dos últimos
sacramentos do padre para poder morrer em paz poderia
não ter existido aqui não vai ser diferente
talvez por isso algumas pessoas preferam retornar o
mais rápido possível para suas tarefas reconhecidamente
seguras urinando pelos joelhos e felizes por terem
empregadas que logo lavarão suas calças a persistirem
na aventura do caminho obscuro apalpando e alargando
frinchas com a força do tutano que lhes cabe

POEMA PARA A MAIOR AUDIÊNCIA DO PAÍS

foi fiadora e caiu do cavalo prefeitura que não puder
ser prefeitura melhor entregar o jarro quero mandar um
abraço pro povo do paraguai se vocês quiserem eu
mostro eu pensei bem e não quero essa vida mais não
aquelas duas querem pôr teta aquela outra quer tirar
deixa eu falar a verdade deixa eu falar a verdade
as pessoas carentes do nosso município as outras
esposas dos prefeitos triste fim de um aposentado na
hora que pegar fogo você põe no ar pode deixar pegar
fogo porque essa kombi não é minha hoje está bom pra
cachorro seja homem já que você está em frente às
câmeras seja homem se as cadeiras não estivessem
cheias vai ver teve alguma decepção com a vida na rua
quem precisa é quem procura esse negócio é
mentira tem cada caso de arrepiar nada de assistir
novela porque novela é tudo mentira nenhuma para
subir eu já disse aqui e repito eu mando matar eu
mando eliminar eu mando e assumo mando conhecer o
capeta mais cedo mando acordar com a boca cheia de
formiga eu acho que essa moça tem todo o direito de
ser feliz ao lado dele eu acho que ela está
completamente errada eu acho que qualquer um no
lugar dela o cara fala que eu sou muito raivoso muito
raivoso é a tua bunda o mesmo próprio homem está
levantando fako montem uma associação sempre
houve desarmonia correu pra debaixo da cama três
horas dentro do quarto e não fizeram nada não queria
pagar mas se for obrigado eu pago parece que está
tendo um novo prazo para regularização de armas não
sei o motivo um complemento nutricional não tem
nada de remédio vamos aplaudir um talento fantástico

mulher comprometida casada pra mim é homem o
pessoal que vem em turminha avisa de onde é o amor
será eu não separo briga o povo tem que apoiar
candidato que pôr polícia na rua eu desejo que meu
pedido seja realizado esse exame poderia ter dado
porque tinha anemia vamos fazer o sorteio vamos ver
quem vai ganhar uma cabrita está dando o maior bode
mas com toda a exigência na maior moleza no mercado
clandestino a gente tá tomando pinga no boteco vem
alguém enfia a faca agora aproveitando essa
oportunidade mentira desse cara esse cara é louco a
cura dessa mulher é a cura da família inteira roda o
computador essas coisas com que os poderosos não se
preocupam mais um momento em que é passada
uma mãe está dando o maior problema dez carros de
quinhentos mil quinhentos e um automóveis dez
caminhões um helicóptero segura ele aí só tem um
caminho cadeia ou cemitério mostre que você está
revoltado pronto para amanhã